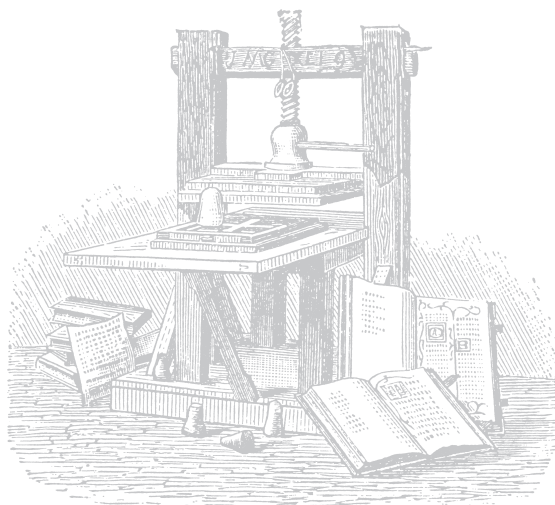


PRELO.

IMPrensa NACIONAL-CASA DA MOEDA



JANEIRO - ABRIL de 2006

1

PRELO.

Edição e propriedade
IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA, S. A.
AV. ANTÓNIO JOSÉ DE ALMEIDA
1000-042 LISBOA
TEL. 21 781 07 00 · FAX 21 781 07 54

Director
CARLOS LEONE

Concepção gráfica
BRANCA VILALLONGA
Revisão
PAULA LOBO

Publicação quadrimestral
E-mail: revista.prelo@incm.pt
Edição: 1013008
ISSN: 0871-0430
Depósito legal: 242 853/06
Tiragem: 5000 exemplares
Preço: 5€

5	Editorial
	<i>FERNANDO GIL (1937-2006)</i>
9	CARTA (INCOMPLETA) PARA FERNANDO GIL <i>José Marinho</i>
13	FERNANDO GIL: A RAZÃO FRAGILIZADA <i>Miguel Real</i>
32	EVOCAÇÃO DE FERNANDO GIL NO ESPÍRITO DA MÚSICA <i>Manuel Ferreira Patrício</i>
	<i>ENSAIO</i>
45	PORTUGAL: DA CONTEMPORANEIDADE À PÓS-MODERNIDADE <i>A. M. Machado Pires</i>
54	VERDADES PESSOANAS <i>Ivo Castro</i>
66	VITORINO NEMÉSIO E GOMES LEAL: UM CASO EXEMPLAR DE ARTE CRÍTICA <i>José Carlos Seabra Pereira</i>
80	UM RELANCE A PROPÓSITO DE DOIS VOLUMES DE ESTUDOS DE PAULO MERÊA <i>Rui de Figueiredo Marcos</i>
	<i>FICÇÃO • TEATRO</i>
89	DOMINIQUE E O PRÉDIO <i>José-Augusto França</i>
100	AMANHÃ, À MESMA HORA, NO MESMO LUGAR ou O LUGAR COMUM <i>Luíz Francisco Rebello</i>

105	HOMENAGEM A AFONSO LOPES VIEIRA
	<i>CRÍTICA</i>
111	José Régio, <i>TEATRO</i> <i>Luiz Francisco Rebello</i>
113	Luiz Francisco Rebello, <i>TODO O TEATRO</i> <i>Duarte Ivo Cruz</i>
116	Jaime Salazar Sampaio, <i>TEATRO COMPLETO</i> , vol. IV <i>Duarte Ivo Cruz</i>
120	Luís Manuel A. V. Bernardo, <i>O PROJECTO CULTURAL DE MANUEL DE AZEVEDO FORTES</i> <i>Miguel Real</i>
122	Passos Manuel, <i>INTERVENÇÕES PARLAMENTARES (1837-1857)</i> <i>Manuel Filipe Canaveira</i>
125	Eduardo Lourenço, <i>A MORTE DE COLOMBO. METAMORFOSES E FIM DO OCIDENTE COMO MITO</i> <i>Miguel Real</i>
125	Maria Manuel Baptista, <i>O OUTRO LADO DA LUA. A IBÉRIA SEGUNDO EDUARDO LOURENÇO</i> <i>Miguel Real</i>
131	Isaiah Berlin, <i>ROUSSEAU E OUTROS CINCO INIMIGOS DA LIBERDADE</i> <i>João Tiago Proença</i>
131	Raymond Boudon, <i>OS INTELECTUAIS E O LIBERALISMO</i> <i>João Tiago Proença</i>

EDITORIAL

1. *A terceira série da Prelo, que se inicia com este número, pretende escapar ao destino de muitas publicações do seu género em Portugal e fazê-lo sem que, para tanto, tenha de perder a natureza institucional que a pertença do título à Imprensa Nacional-Casa da Moeda lhe confere, indo ao encontro das necessidades do público não satisfeitas pelos outros meios de comunicação. A escolha da Prelo fica desde já claramente enunciada: esta série dedica-se predominantemente a temas contemporâneos, nos quais a cultura portuguesa tenha algo a aprender (ou a ensinar), e pretende tirar do isolamento ou dos círculos já estabelecidos (lusofonia, europeísmo) os debates que marcam a vida intelectual, a vida pública, portuguesa. Deste modo, prolonga-se aquilo que de mais valioso o título Prelo guarda das suas duas séries anteriores, sem com isso se apostar numa simples continuidade. Continuidade, de resto, impossível: a actual Prelo surge numa época bem diferente das séries que a precederam, na qual a proliferação de meios tecnológicos, sobretudo ligados à internet, não revelam capacidade de proporcionar grande melhoria qualitativa ao debate público; além disso, a conjuntura política nacional e internacional que se vive e que é possível antecipar não permite grandes esperanças quanto ao grau de seriedade intelectual e, mesmo, de liberdade de expressão, passível de se encontrar em meios de comunicação social generalistas ou mesmo em publicações mais especializadas.*

Por tudo isto, Prelo é uma revista de ideias e debate e sê-lo-á por norma de modo insatisfeito, por saber que nunca se faz tudo o que seria possível, e menos ainda necessário. Mas com todas as insuficiências que fatalmente terá, como tudo o que é real e não ideal, aquilo que lhe cabe é suprir os numerosos silêncios e esquecimentos de conveniência da vida mediática, académica e pública, em geral, da sociedade portuguesa. Não poderá portanto, sob pena de repetir o destino de tantos outros títulos, tornar-se uma mera tribuna para aqueles que a administram, dirigem

ou nela escrevem. A sua natureza institucional exige desde logo a sua preservação de qualquer projecto pessoal; e a tarefa que lhe cabe no momento actual da vida portuguesa, ao ter de substituir-se a funções tanto informativas como analíticas que idealmente caberiam a publicações com maior periodicidade, é tanto mais necessária quanto a falta de alternativas para quem persista em pensar, escrever e publicar livremente é dolorosamente notória. A influência do modelo televisivo na comunicação social em geral e a inércia continuada da generalidade das publicações mais especializadas geram, hoje, uma manifesta insuficiência de opções para aqueles que queiram ler, para aqueles que procurem textos que não se subordinem a imagens, por mais que estas sejam valorizáveis. Neste particular, a tradição da Imprensa Nacional-Casa da Moeda de efectivo serviço público num mercado editorial marcado por «projectos» particularistas e efémeros é o maior penhor da nova Prelo, e só a garantia para a revista dessa liberdade e dessa diferença face ao que já existe justifica uma nova série.

2. Do compromisso que está na base de qualquer projecto colectivo, sem o qual a dispersão de esforços e conseqüente insucesso é inevitável, os resultados surgem de forma não programática, sem uma agenda a cumprir, muito menos a impor. Revista de ideias, delas não se excluem registos como o teatro ou a ficção, como este primeiro número deixa claro. A pertença de criações artísticas ao registo do debate é evidente mesmo se nas publicações actuais tende a ser negligenciada. E se o texto predomina, uma homenagem como a que fazemos a Afonso Lopes Vieira (1878-1946) deixa claro que não é contra a imagem mas com ela que pretendemos trabalhar. Neste número há ainda uma outra evocação, que preferíamos não ter motivo para fazer, a de Fernando Gil, com a colaboração do qual contávamos para este e para os números seguintes, à semelhança do sucedido na série anterior da revista. A sua morte, ocorrida já perto do fecho deste número, originou uma reformulação de conteúdos que é apenas a primeira homenagem da Imprensa Nacional-Casa da Moeda a um dos seus maiores autores, e colaborador em diversas iniciativas editoriais.

Como o simples folhear deste primeiro número permite perceber, o leitor encontra aqui um predomínio da palavra escrita invulgar nas

publicações que tem ao seu dispor, predomínio não só na gestão do espaço mas na própria concepção gráfica da revista, pensada para quem quer ler, e não apenas olhar. À margem de qualquer modismo gráfico do momento, a viabilidade futura deste modelo é substancialmente superior à que as séries anteriores da revista conheceram. Dentro deste espírito de uma revista de texto, elaborada para perdurar e influenciar o debate de ideias em Portugal e, a partir daí, em português, o primeiro número da nova série dá ao leitor textos os mais variados e insusceptíveis de encontrar noutra publicação: de Pessoa a Merêa, passando por críticas a obras da Imprensa Nacional-Casa da Moeda e de outras editoras, em geral ignoradas, não privilegia nenhuma área temática ou tendência ideológica, nem exclui nenhuma de modo algum.

3. *Este trabalho, que num primeiro número está necessariamente no seu ponto inicial, depende não apenas da solidariedade entre a administração, a direcção e os autores que fazem a Prelo. Em igual medida depende dos leitores que tantas vezes se queixam da falta de títulos, da falta de diversidade de pontos de vista, da nivelação por baixo das publicações e da vida cultural no seu conjunto (admitindo que tal conjunto existe). Partilhando essa insatisfação, é claro para a direcção da Prelo que só pela capacidade de iniciativa dos leitores, ou seja, pela sua responsabilização, poderá esta terceira série corresponder de modo satisfatório às suas expectativas; só se de facto a procurarem, a comprarem, a lerem, a discutirem e, escrevendo, a ajudarem a fazer poderá a Prelo cumprir com a sua vocação, com o seu passado e com a missão da instituição a que pertence e com a qual tem de se concertar para poder servir o seu público. Cabe, então, a todos nós, bem como ao (espaço) público, fazer agora o que nos compete.*

Lisboa, Abril de 2006.

O DIRECTOR

FERNANDO GIL
(1937-2006)

CARTA (INCOMPLETA) DE JOSÉ MARINHO A FERNANDO GIL

Meu caro Fernando Gil:

Sempre é certo que a *Aproximação Antropológica* é qualquer coisa? V. o reconhece agora. Em filosofia como em poesia há *Embriões*. É o título ingénuo, rústico, mas tão cheio de promissor sentido!, do primeiro livro de Teixeira de Pascoais. Ele depois escondia-o na lista das obras. O seu embrião filosófico é, penso eu, melhor que os «embriões» poéticos dele.

Ter tido uma antevisão de que toda a antropologia emerge numa cisão, ou a ela em qualquer momento aporta, foi a sua juvenil façanha. Foi isso que desde início nos ligou. Pois embora cada vez mais para mim não só o humanismo evanesça mas se reduza o homem à sua originária ou conatural pouquidade, sempre é certo que me interessam fundamente os ontólogos a partir do ser *no* homem, os sérios onto-antropólogos // [2] do evanescente instante consciente que dura neste ponto indimensional dilatado que é o nosso universo sempre para nós ameaçado de pluriversão — como nós agora, e não só cientificamente, mas também poética e esteticamente sabemos. Este enunciado lhe permite ver como, para mim, a sua esboçada onto-antropologia polarizada no Amor e no Nada, com suas conotações husserlianas ou heideggerianas, sartrianas ou em Merleau-Ponty, que a ajudaram a ser, radica em algo fundo.

A dificuldade está, e por experiência eu sei, que toda a fidelidade em filosofia é proibida, e que V. tem de passar pelo outro (ou o Outro) para consistir no mesmo que vê e não vê, pensa e não pensa // [3] ainda. Em mim, a cisão foi a possibilidade de encontro com o Outro e suas actuais presenças ou fantasmas. V. partiu dela. Que maravilhosa aventura se reserva agora em seu destino?

Eu creio que tudo agora consiste para si na necessidade de relação funda com a *mathesis*. Ela deixou de ser *universalis*, coitada! Vir do uno ao múltiplo foi ao homem dado. Hoje, contudo, as formas do regresso dos Platão, Plotino, dos medievais, dos Espinosa ou Leibniz, vemo-las como demasiado simples. Não será que eles confundiram múltiplo com diverso?

A difícil situação da filosofia está, penso eu, em que a crítica da metafísica foi o último estrebuchar do homem e da lógica do homem. A verdade é que a exigência metafísica se redobrou. // [4] Não é Deus que está para além do Nada, sabemos que Deus está aqui, em toda a parte, em todo o instante e tempo, no sem lugar, no sem parte, nem tempo. O [[que]] Nada que se interpõe é, com Deus, aqui, separa-me de mim, de mim separa o que sou, o que sei. A negação de Deus ou a afirmação de Deus tornaram-se-me hoje suspeitas, aqui V. e o seu pensar suspeitos, e, com o seu ser e pensar suspeitos, o mesmo em mim, <de mim,> [[,]] o outro-mesmo em mim, não o, mas os, diria, após reflexão logo seguida, pois o múltiplo também dentro nos invade e sou único sem razão em mim de o ser. Resulta que, só sabe, o que diz plenamente e sem ingenuidade ou obstinação: Sou. Simplesmente, é um modo de dizer // [5] pretérito dos homens, ou nos homens. Não o sei, só ele se sabe e me sabe. No silêncio. Difícil silêncio! Como aceder ao silêncio?

Não, não é mística, pelo menos a mística que, em geral, chegou à fala, à palavra filosófica ou filosofada.

Tenho sorrido um pouco, estive a reler alguns passos da obra, sorrindo do admirado Bergson. Também esse pagou caro o imoderado amor de ser. Acabou por tomar a mística como exemplar!

Lembro o [[seu de]] que diz da sua perplexidade [[com]] <perante> o pensamento francês. Eles não têm o sentido da origem principal. Filosofam todos a partir do homem e da razãozinha com qualquer suplemento. Sob tal aspecto, essencial, Descartes e Pascal, Malebranche, Maine de Biran // [6] ou Bergson têm a mesma gnosiologia. Viajam sempre com a costa à vista.

Deixemo-los e falemos de coisa mais séria, falemos dos que sabem que a razão filosófica é gerada por cada filósofo —

se quisermos depressa dizer o de outro modo mais difícil. Fiquei suspenso um momento ao ler a sua carta: *Desde há dez anos que tento pensar a negação, o que, como se sabe desde Platão, parece ser em princípio impossível-infazível.*

Talvez tenha sido isso que me pôs, após a referida suspensão, na urgência de escrever-lhe.

Tenho andado a tentar uma pequena elucidação (palavra degenerada!) da *Assumpção do Nada*. Pretendo aí mostrar //

Convenções de transcrição:

[] passagem riscada.
< > passagem interpolada.
// termo de folha manuscrita.

Querido com Fernando Gil :

Sempre é certo certo que a Aprensão
antropológica é qualquer coisa? U. o nome de
agua. Com fitos para com a poesia há Embriões
É o título ingenuo, reístico, mas tão cheio
de promissor sentido! do primeiro livro de Teixeira
de Pascoais. Ele depois escondia-o na lista das
obras. O seu embrião filosófico é, penso eu, melhor
que os "embriões" poéticos dele.

Ter tido uma antevista de que toda
a antropologia emerge numa cidade, ou a ela em
qualquer momento aporte, foi a sua juvenil
façanha. Foi isso que desde início nos
liga. Pois embora cada vez mais para
um lado só o humanismo avança
mas se redireciona o homem à sua origem
ou comatural progrida, sempre é certo
que me interessam fundamentalmente os autótopos
a partir do seu me humano, os seus auto-antropólogos.

Primeira página da carta de José Marinho para Fernando Gil
(1961 ?)

Este n.º 1 da 3.ª série de
PRELO
foi composto em caracteres Bookman
e acabou de imprimir-se em Maio de 2006
na Imprensa Nacional-Casa da Moeda,
Lisboa.